

HISTÓRIA DE UM CANALHA

JULIA NAVARRO

HISTÓRIA DE UM CANALHA

Tradução de
RITA CUSTÓDIO E ÁLEX TARRADELLAS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

*Para as minhas amigas Margarita Robles, Victoria Lafora,
Asun Cascante, Lola Travesedo, Asun e Chus García,
Carmen Martínez Terrón, Irma Mejías, Lola Pedrosa,
Pilar Ferrer, Consuelo Sánchez Vicente e Rosa Conde
que, embora se encontrem longe, estão sempre perto.*

*E para Maia, que tem oito anos
e caminha com determinação pela vida.*

Para Fermín e Alex, sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos médicos Isidre Vilacosta, por ter respondido às minhas múltiplas perguntas sobre doenças cardíacas, e Pedro Górgolas, por me ajudar a esclarecer outras dúvidas sobre questões médicas. Se há algum erro, sou a única responsável. Obrigada pela sua paciência.

E a toda a equipa da Penguin Random House que, como sempre, contribuiu para que este livro chegue aos leitores.

Estou a morrer. Não, não é que sofra de uma doença terminal nem que os médicos me tenham deixado sem esperança. A última vez que me viram foi para me dizerem que estava bem, e sobretudo depois de ter tido um enfarte e de ter passado por uma operação de substituição das válvulas do coração. Sim, tenho o açúcar e o colesterol um pouco altos, e a tensão no limite, mas, dizem, nada que não se possa resolver tomando alguns comprimidos todos os dias, fazendo dieta e eliminando o tabaco e o álcool.

— Ande a pé, o que lhe convém é andar a pé. É o melhor medicamento. Quem dera a muitos com o seu historial terem o seu aspeto — disse-me o médico a tentar animar-me.

Eu não lhe disse nada. Para quê? Sei que estou a morrer, independentemente do resultado das análises ao sangue ou do cardiograma. Como é que o sei? Sei porque me olho ao espelho todas as manhãs e observo as manchas pardacentas que nasceram no meu corpo. Parecem sinais, mas na verdade são a prova de que a pele está a morrer. Não há centímetro da minha pele que não tenha perdido elasticidade.

Olho para as minhas mãos e o que é que vejo? Uns fios azuis transparentes através da pele. Os mesmos fios azuis que atravessam as minhas pernas. São as veias que adquirem a rigidez da pedra.

«Estás mais interessante agora do que aos vinte anos», ouço alguns hipócritas dizerem. Estão a mentir. Sobretudo as mulheres. A única coisa que tenho de interessante é a conta corrente e estar na lista do *Who's Who*.

Há algum tempo que descobri que os outros não nos veem pelo que somos, mas sim pelo que representamos ou possuímos. Os mesmos cabelos brancos, a mesma pele acinzentada seriam contemplados com indiferença ou até com nojo se fosse apenas um desses seres anónimos que encontramos em qualquer canto da cidade.

Quanto tempo me resta de vida? Se calhar um dia, uma semana, cinco, seis, dez anos... ou talvez amanhã acorde com uma dor aguda no peito, ou descubra um nódulo enquanto estou a tomar banho, ou desmaie devido a uma tontura, e então o mesmo médico bajulador dir-me-á que tenho um cancro no pulmão, no pâncreas ou em qualquer outro lugar. Ou talvez me diga que o meu coração cansado volta a falhar e precisa de uma nova válvula. O que quer que seja para justificar que, de um dia para o outro, a morte acabe por me visitar.

Mas não preciso de descobrir um nódulo, ou de ficar tonto, ou de que o coração bata depressa. Eu sei que estou a morrer porque cheguei àquela idade em que não nos podemos enganar e intuímos que começamos a viver em tempo de compensação.

Esta noite a morte anda a rondar o meu pensamento e comecei a lucubrar como será o último minuto da minha vida. Temo que seja na cama de um hospital, sem poder decidir sobre a minha própria existência. Imagino-me incapaz de me mexer e sem conseguir falar, comunicando apenas com gestos ou com o olhar sem que ninguém me entenda nem partilhe o meu sofrimento.

Não escolhemos onde nem quando nascemos, mas pelo menos devíamos poder decidir como enfrentar o último minuto da nossa vida. Mas nem sequer isso podemos fazer.

Como sei que chegou a hora em que a morte vai aparecer, tento imaginar como recebê-la, como evitá-la durante um tempo, mas sobretudo como iniciar o caminho para a não existência.

Por isso, à espera da visita traiçoeira, esta noite sou invadido pelas recordações da minha vida e, ao fazê-lo, elas deixam-me um sabor amargo como o fel.

Sou um canalha, sim, é o que sempre fui e não me consigo arrepender de o ser, de o ter sido. Mas se fosse verdade o que os físicos dizem sobre o tempo não existir, devíamos ter a possibilidade de voltar atrás para conseguir viver a tal vida que pudemos viver mas que não vivemos.

Estou enganado se penso e digo que todos mudaríamos factos do nosso passado? Que faríamos as coisas de uma forma diferente? Se pudéssemos voltar atrás... Talvez até eu as tivesse feito de uma maneira distinta.

Há indivíduos que dizem em voz alta: «Não me arrependo de nada.» Não acredito neles. A maior parte das pessoas tem consciência, mesmo que não queira. Eu nasci sem ela, ou pelo menos nunca a encontrei, embora talvez esta noite bata à minha porta. Mas não quero deixá-la entrar, porque nada pode modificar o que nos atormenta.

Esta noite, enquanto olho para a morte de frente, vejo de novo tudo o que vivi. Sei o que fiz e também sei o que deveria ter feito.

INFÂNCIA

Devia ter sete ou oito anos, e caminhava ao pé da mulher que cuidava de mim e do meu irmão. Devíamos estar a meio da tarde, hora em que saíamos da escola. Estava de mau humor porque a professora me tinha repreendido por me ter distraído enquanto explicava não sei quê.

O meu irmão ia de mão dada com a María, mas eu preferia caminhar ao meu ritmo. Para além disso, a María tinha as palmas das mãos suadas e o contacto da sua pele húmida com a minha incomodava-me.

Eu corria de um lado para o outro, ignorando as queixas da María.

— Vou contar à tua mãe. Todos os dias me fazes a mesma coisa, largas a minha mão e o pior é que nem sequer deixas que te agarre quando atravessamos a rua, e nunca olhas para ver se vem um carro. Algum dia vai acontecer qualquer coisa.

A María protestava, mas eu não lhe prestava atenção. Sabia de cor aquela ladainha de repreensões. De repente, um pequeno vulto ao pé do passeio chamou a minha atenção. Aproximei-me para ver o que era. Movi-o com o pé e, para minha surpresa, vi que se tratava de um pássaro, um pardal daqueles que povoam as árvores da cidade. Pareceu-me que estava morto e dei-lhe um pontapé atirando-o para fora do passeio. Aproximei-me com curiosidade para ver onde estava e descobri que se mexia, que fazia um movimento lento, como se fosse o último estertor. Desci do passeio e voltei a dar-lhe um pontapé. O pardal dobrou a cabeça.

— Mas o que é que estás a fazer fora do passeio? Hoje é que vou mesmo dizer à tua mãe, estou farta.

A María deu-me a mão e obrigou-me a caminhar ao pé dela. Fiquei muito irritado por sentir que me puxava e, assim que se distraiu, dei-lhe um pontapé na barriga da perna.

Não me arrependo do pontapé que dei à María naquele dia, mas não consigo esquecer o corpo inerte do pardal. Fui eu quem lhe arrebatou o último fôlego.

— Que bruto! — exclamou o Jaime a olhar para mim com reprovção, não sei se devido ao pontapé que dei à María ou pelo que tinha dado ao pardal.

— Tu cala-te porque senão também levas — respondi, irritado.

O Jaime não disse nada. Sabia que, caso se distraísse, teria de levar com outro dos meus pontapés ou até com um murro nos rins. Tinha mais dois anos do que o meu irmão, por isso ele estava sempre em desvantagem em relação a mim.

— Vou contar à tua mãe. Não posso mais contigo... Se continuares assim, vou deixar de te ir buscar à escola. És um menino muito mau.

Mau. Sim, essa era a repreensão preferida da professora, da María e até da minha mãe.

O meu pai ralhava comigo, mas nunca me qualificou de «mau». Conhecia-me demasiado bem para me despachar com essa expressão disparatada de «és um menino mau».

Se pudesse voltar atrás... A cena seria parecida:

Eu caminhabria ao pé da María e do Jaime, sem me importar de pôr a mão na palma suada da minha ama. Teria de lhe ter contado o motivo do meu mau humor, que se devia à repreensão da professora, a menina Adeline, e provavelmente teria recebido alguma palavra de consolo da María. Algo assim como «não te preocupes, distrair-se não é assim tão grave, vais ver que se amanhã estiveres atento a professora Adeline deixará de estar zangada».

Eu repararia no vulto que se mexia no passeio e pediria à María para nos aproximarmos. «Olha... está ali alguma coisa, podemos ver o que é?»

A María resmungaria: «O que é que isso interessa? Vamos embora, que estamos com pressa...» Mas acabaria por concordar. Eu, ao perceber que era um

pardal, pegaria nele com cuidado. O Jaime observaria com curiosidade e diria: «Coitadinho!» E os dois, comovidos, pediríamos com insistência à Maria para nos deixar levar o pardal para casa. A minha mãe era enfermeira, por isso devia poder fazer alguma coisa para salvar a vida do passarinho. Ficaria connosco durante dois ou três dias e, quando estivesse curado, tê-lo-íamos devolvido à liberdade.

Mas não foi assim e não estou arrependido.

Naquela tarde, quando chegámos a casa, a minha mãe estava a arranjar-se para ir para o hospital. Nessa semana estava de serviço à noite e parecia cansada, por isso prestou pouca atenção às queixas da Maria. Só ralhou comigo: «Quando é que te vais portar bem? O que é que vou fazer se a Maria perder a paciência e se for embora? Tenho de trabalhar e sem ela não poderia fazê-lo.»

— Então procura outra ama — respondi em tom de desafio.

— Como se isso fosse assim tão fácil! Para além do mais, a Maria é boa pessoa. És um menino muito mau! Não sei o que é que vamos fazer contigo! Vai para o teu quarto fazer os trabalhos de casa. Vou falar com o teu pai e ele vai dizer-te qual será o castigo. Agora tenho de me ir embora.

— Como sempre. Nunca estás aqui.

Sabia o que dizia. Queria magoar a minha mãe, fazer com que se sentisse culpada por não nos dedicar mais tempo. Em determinada ocasião tinha-a ouvido falar com o meu pai culpando-se por passar mais horas no hospital do que em casa, e embora o meu pai costumasse consolá-la dizendo-lhe que o mais importante era o carinho que nos dava e não o tempo que passava connosco, a minha mãe não deixava de se sentir em falta para connosco. Por isso, desferi o golpe no sítio onde mais lhe doía.

Ela fitou-me e vi no seu olhar um lampejo de tristeza e, de seguida, de ira.

— Vai para o teu quarto!

Quando me pus a caminho aproveitei para dar o pontapé prometido ao meu irmão Jaime, que deu um grito que alertou a minha mãe.

— Mas o que é que se passa?

— O Thomas deu-me um pontapé! — queixou-se o meu irmão a chorar.

— María, por favor, tome conta das crianças... tenho de me ir embora... E tu, Thomas, vais já de castigo para o teu quarto, não podes sair, e este fim de semana não te vou levar a lado nenhum.

— E o que é que isso me importa?! Estou-me nas tintas! Para além disso, não quero estar contigo. Não gosto de ti como mãe, não és como as mães dos meus amigos, nunca estás em casa.

A minha mãe nem sequer olhou para mim. Saiu batendo com a porta. Acho que era a sua forma de controlar a raiva e de não me dar uma bofetada.

Sim, aquela tarde devia ter sido diferente:

— Mãe, mãe! Olha, encontramos um pardal e está ferido, ajudas-nos a curá-lo? — ter-lhe-ia dito eu enquanto o meu irmão Jaime se agarrava à sua saia.

— Estou com pressa, mas vou dar uma vista de olhos. Vamos lá ver... Tem uma patinba partida, mas não é grave. Vão procurar um pau fininho, talvez algum dos vossos lápis... Vão ver, vamos pôr-lhe uma ligadura e daqui a uns dias vai estar curado e pronto para voar. Thomas, pede à María uma caixa de sapatos e algodão, vamos pô-lo aí para ficar quentinho.

— Podemos ficar com o pardal para sempre? — perguntaria o Jaime.

— Não, a mãe deve andar à procura dele e de certeza que está preocupada. Além disso, os pássaros devem ser livres. Quando estiver curado, vou com vocês ao sítio onde o encontraram e vamos soltá-lo para que regresses ao ninho.

— Obrigado, mãe — diria eu, e aproximar-me-ia para lhe dar um beijo.

A minha mãe acariciar-me-ia o cabelo e dir-nos-ia: «Que lindos meninos. É assim que eu gosto, que se compadeçam de quem sofre, nem que seja um passarinho.»

Devia ter acontecido isto. Mas a verdade é que eu passei o resto da tarde no meu quarto sem fazer os trabalhos de casa, a tirar todos os brinquedos das caixas e a espalhá-los pelo quarto sabendo que a

María teria de os arrumar, o que a ia chatear duplamente; não só por ter mais trabalho, mas também porque sofria das costas.

Quando o meu pai chegou, pouco antes do jantar, a María estava a queixar-se.

— O que é que se passa, María? As crianças fizeram alguma travessura? — quis saber o meu pai.

— O Jaime é um santo, senhor, não faz barulho, mas o Thomas... é muito mau, senhor, só se lembra de fazer coisas para chatear os outros.

— Vá, vá, María. Há crianças que são mais mexidas do que outras, mas isso não quer dizer que sejam más. Vamos lá ver, o que é que o Thomas fez...?

A María contou-lhe os incidentes da tarde e ele chamou-me ao seu escritório. Como eu sabia que a María ia fazer queixa de mim, já tinha maquinado a minha vingança. Enquanto ela estava a falar com o meu pai fui à cozinha e esvaziei o saleiro inteiro na sopa que ela estava a fazer. Não teria outro remédio senão fazê-la de novo.

O meu pai era advogado. Trabalhava muito. Saía de casa de manhã bem cedo e só regressava à noite. Raramente almoçava em casa. Porém, nunca o censurei por não passar mais tempo connosco. O seu trabalho parecia-me importante e tinha muito orgulho nele. Vestia-se sempre de forma elegante, até aos fins de semana, quando tirava a gravata. Quanto à minha mãe, quando se desmaquilhava e vestia um roupão, parecia-me que encolhia, que se tornava mais insignificante.

— Não tiveste pena desse pardal? — perguntou-me o meu pai.

Hesitei antes de responder. Sabia que tinha de encontrar as palavras certas para o pôr do meu lado.

— Achei que estava morto e... bem, não me dei conta, nem pensei bem.

Pensar. Essa era a minha desculpa. O meu pai perdoava-me sempre alegando que eu era um menino atordoado que não parava para pensar e que me metia em confusões por isso.

— Mas tens de pensar, Thomas, já te disse isso mais do que uma vez. Se tivesses reparado bem, podias ter salvado o pardal. A mãe podia ter-te ajudado. Em relação a dar um pontapé à María... não posso

permitir uma coisa dessas. A María é uma pessoa mais velha e temos de tratar as pessoas mais velhas com mais respeito. Também deste um pontapé ao Jaime. Não tens vergonha de bater em alguém que é mais pequeno do que tu?

Baixei a cabeça. Conhecendo o meu pai, sabia que estava a avaliar que castigo me podia impor para que não fosse demasiado prejudicial para mim. Por fim, encontrou-o.

— Olha, vais ler uma história que te vou dar, que fala sobre um rapaz que não para de fazer travessuras, mas um dia acontece-lhe uma coisa que o faz mudar. Quando a leres vens falar comigo. Vais ver como vais aprender alguma coisa.

— A mãe disse que não me vão levar a lado nenhum este fim de semana — sussurrei com a minha voz mais inocente.

— Bem, temos de compreender que a mãe se zangue. A coitada trabalha muito, não só no hospital mas também aqui, em casa, a cuidar de todos nós. Eu vou falar com ela.

Nesse momento, ouvimos o grito da María.

— Mas... que mau! O que é que fez? Meu Deus! — disse enquanto entrava no escritório do meu pai.

— Mas o que é que fez mais? — perguntou ele, já alarmado.

— Ai, senhor! Meteu o sal todo na sopa... Eu não aguento mais! Estou de pé desde as sete da manhã... e agora tenho de voltar a começar. Vou ter de fazer outra sopa.

Quando a María saiu do escritório, o meu pai olhou-me com severidade.

— Não gosto do que fizeste. A María não merece que te comportes assim com ela. Tens de lhe pedir desculpa. Depois vai para o teu quarto e começa a ler o que te disse. Tens de acabar antes da hora de jantar.

O olhar reprovador do meu pai provocava-me um formigueiro incómodo na boca do estômago, mas ainda assim não estava disposto a pedir desculpa à María.

Podia tê-lo feito. Teria gostado que a María tivesse dito ao meu pai que eu me tinha portado bem, que tinha feito os trabalhos de casa sem refilar e que tinha inclusivamente ajudado o Jaime a fazer os seus.

Ele teria ficado satisfeito e ter-me-ia sentado ao seu colo. Provavelmente, ter-me-ia proposto que lêssemos juntos alguns dos livros que guardava na biblioteca e que cuidava como se fossem tesouros. Eu teria desfrutado desse momento de intimidade com o meu pai porque, depois de ter dedicado um momento à leitura, ter-me-ia perguntado pelos meus amigos, pela professora, pelo que aprendia nas aulas. É provável que, como prémio pelo meu bom comportamento, me tivesse deixado preparar-lhe o cachimbo e teríamos feito planos para o fim de semana. Quem sabe se teria tido tempo para ir comigo e com o Jaime andar de bicicleta ou até para almoçar fora com a mãe.

Nada disso aconteceu. Fui para o meu quarto e dei um pontapé a um carro telecomandado, depois sentei-me no chão no meio do caos que eu próprio tinha criado. Não pensava ler a história. Tinha um truque para sair bem das perguntas do meu pai. Lia alguns parágrafos por página e depois, quando ele me perguntava, eu respondia sobre o que mal tinha lido fingindo estar nervoso. Não me incomodava enganá-lo, apesar de ser a única pessoa por quem sentia afeto. Assim era eu. Assim sou eu.

A professora Adeline era boa, mas exigente. Nunca disse uma palavra a mais, nem deixou escapar nenhum cachaço. Os meus colegas de turma pareciam gostar dela, mas eu chateava-a tanto quanto à Maria. Tudo nela me incomodava. O rosto amarelado, os olhos que pareciam ficar mais pequenos quando olhava para mim dando a sensação que estava a ler a minha mente. A sua roupa de freira; usava sempre saias e camisolas de tons escuros, colãs grossos, sapatos baixos. Devia ter cerca de quarenta anos quando cheguei à sua turma e, segundo diziam, estava há vinte anos na escola, onde de certeza se reformaria.

Era atenciosa e paciente para com os alunos sem ser afetuosa, estava sempre disposta a repetir até à exaustão a lição do dia até ter a certeza de que todos tínhamos entendido as suas explicações.

Eu costumava queixar-me da professora Adeline ao meu pai. Dizia-lhe que não gostava de mim, que me ralhava por tudo e por

nada, que não explicava bem a matéria. O meu pai acreditava em mim e, de vez em quando, pedia à minha mãe para falar com a professora. A resposta dela era sempre a mesma: «Vou fazê-lo, mas tendo em conta como é o Thomas, se ralha com ele é porque merece. É preciso ser um santo para suportar o nosso filho.»

Preparei meticulosamente a minha vingança.

Numa manhã, à hora do recreio, eu próprio bati com a cabeça contra a parede. Magoei-me e fiquei logo com um galo que me deixou a testa vermelha. Antes de a hora do recreio terminar, fui para a sala sabendo que a professora Adeline estaria lá a corrigir os nossos cadernos. Ao ver-me entrar com a testa vermelha ficou preocupada.

— O que é que te aconteceu? Caíste? Vá, mostra-me esse galo que tens na testa.

Aproximei-me devagar, à espera de que os meus colegas entrassem na sala de um momento para o outro. Quando o primeiro abriu a porta, a professora estava a segurar na minha cabeça observando o galo. Nesse instante comecei a gritar com todas as minhas forças.

— Não me bata, não me bata!

Os meus colegas, que estavam a entrar na sala, não percebiam o que se passava. A professora Adeline parecia segurar-me enquanto eu gritava, e fi-lo tão alto que a professora Ann, que estava na sala contígua à nossa, entrou para ver o que estava a acontecer.

— Está a bater-me... Eu não fiz nada! — gritei a chorar perante o olhar incrédulo da outra professora.

— Por amor de Deus, Adeline, o que é que se passa aqui?!

— Nada... Juro-te que nada... O Thomas entrou com um galo na testa. Estava só a vê-lo.

— Não me bata mais, por favor — choraminguei como se estivesse assustado.

A professora Adeline olhou-me desconcertada e, assim que largou o meu braço, dei o golpe final: caí no chão como se me tivesse empurrado.

— Mas o que vem a ser isto, Adeline?! — exclamou a professora Ann sem perceber muito bem o que estava a acontecer. — Vá, Thomas, levanta-te... Vamos à enfermaria, eles vão tratar desse galo. E tu, Adeline, enfim, acho que devíamos ir à direção para esclarecer este incidente.

Por mais que a minha professora jurasse ao senhor Anderson, o diretor, que não me tinha batido e, embora os meus colegas de turma não pudessem assegurar totalmente quem estava a dizer a verdade, o meu galo tornara-se a prova de acusação.

O senhor Anderson ligou para o hospital da minha mãe requerendo a sua presença imediata na escola. Entretanto, eu optei por choramingar queixando-me do muito que me doía o galo. As minhas lágrimas foram tão sentidas como as da professora Adeline, que naquela altura tinha ficado arrasada ao ver que o diretor parecia acreditar mais em mim do que nela.

— Mas o que é que aconteceu? — perguntou a minha mãe, alarmada, mal chegou ao escritório do senhor Anderson.

— Tenha calma, dona Carmela, o menino está bem — respondeu o diretor evidenciando o seu nervosismo —, embora na verdade não saibamos muito bem o que aconteceu.

— Mas como é que pode pôr em causa a minha palavra? — queixou-se a minha docente.

O diretor não respondeu e, nesse momento, percebi que tinha vencido a batalha.

A minha mãe ouviu em silêncio a explicação do inexplicável pela boca da professora Adeline. Ela jurou o que era verdade: que eu tinha entrado na sala já com o galo e, quando ela se disponibilizou para ver o que é que eu tinha, comecei a gritar acusando-a de me estar a bater.

— Bem... não sei o que dizer, dona Carmela. Lamento muito este incidente, garanto-lhe que nunca tinha acontecido nada assim na escola. A professora Adeline é muito querida pelas crianças e nunca tivemos queixas sobre o seu comportamento, mas... não sei, talvez o Thomas a tenha deixado mais nervosa do que é habitual, já sabe que o seu filho é muito irrequieto. — O diretor esfregava as mãos enquanto falava.

— O que é que se passou, Thomas? — perguntou-me a minha mãe com uma voz cansada.

Senti que duvidava de que a professora Adeline me tivesse batido. Que intuía que tinha acontecido alguma coisa que lhe estava a escapar.